

A CRIAÇÃO DO GADO LEITEIRO

A. O. RHOAD

(*Divulgação*)

O cruzamento do gado leiteiro, nos climas quentes

O criador de gado leiteiro procura meios para aumentar a produção média de seus rebanhos, afim de torná-los mais rendosos.

Em geral ele tem três meios principais para esse aumento. São os seguintes:

1º—Obter maior capacidade leiteira no gado:

a—Pela seleção das melhores vacas.

b—Introduzindo maior aptidão, pelo cruzamento com as raças especializadas.

2º—Alimentar o gado, de modo que não lhe faltem alimentos, em qualidade ou quantidade, durante qualquer época do ano:

a—Providenciando feno e forragens, na seca.

b—Ministrando ração de farelos às vacas que a mereçam.

3º—Melhor conforto do rebanho:

a—Adotando um sistema de criação que facilite o tratamento e ordenha do gado.

b—Combate ao carrapato e ao berne.

Tratando-se, do problema do melhoramento do gado pelo cruzamento com as raças especializadas, o criador deve ter idéia firme de que está querendo obtê-lo em seu gado, antes de efetuar qualquer cruzamento. Em regra geral, o criador progressista deseja obter, pelo cruzamento, duas qualidades básicas:

1. Grande capacidade produtiva nas vacas;
2. Resistência aos rigores do meio, isto é, ao clima e às pragas.

Relativamente a essas qualidades como devemos considerar o nosso gado popular—o Zebú, o Caracú, o Crioulo? Eles tem resistência ao meio, são fortes, adaptam-se bem ao clima, aceitam as forragens comuns e mostram bastante tolerância às pragas. Mas, quanto à capacidade leiteira, são muito inferiores às raças especializadas.

Entretanto, de quando em vez, encontra-se uma vaca que produz regularmente bem.

Por exemplo: Que qualidade tem as raças estrangeiras, especializadas como a raça Holandesa? Tem grande capacidade leiteira, porém, pouca resistência ao meio. Sob forte insolação, devido à escassez de forragens, na seca, perseguido sempre pelo carrapato e berne, criado no regime extensivo, esse gado, em estado puro, tem fracassado, degenerando-se rapidamente. A prova disto está em que, durante mais de 40 anos, os governos e particulares, tem importado este gado, sem conseguir implantá-lo entre nós.

O rebanho de gado puro sangue, nascido em Minas, é pequeníssimo. Para aproveitar o puro sangue, os fazendeiros tem cruzado as raças estrangeiras com o gado comum, produzindo, desse modo, o gado mestiço. Esta prática deve ser continuada.

O gado mestiço tem as boas qualidades de ambos os parentes puros, isto é, é bastante resistente ao clima e tolerante às pragas; além disso tem uma capacidade produtiva superior à do gado comum. No primeiro cruzamento que produz o meio sangue, os resultados tem sido, em geral, satisfatórios, mas os criadores vem encontrando dificuldades nos cruzamentos, além do meio sangue. Estas dificuldades resultam de:

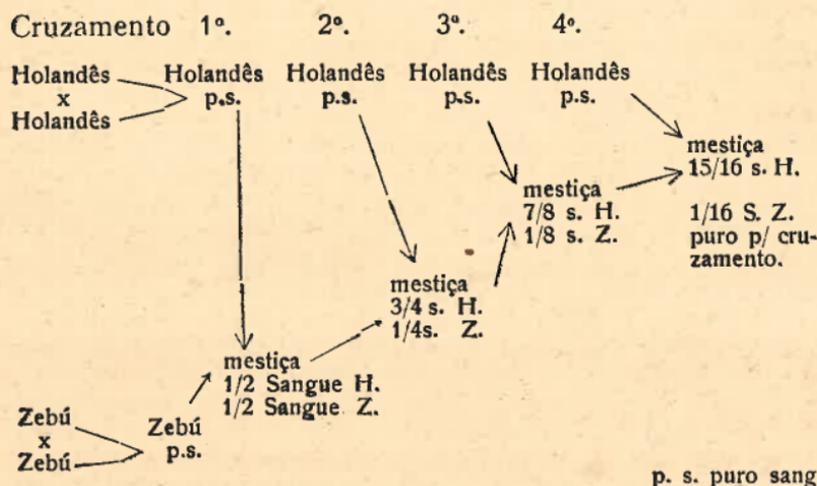
- 1º. Pouca resistência do gado ao meio;
- 2º. Baixa, na produção;
- 3º. Tipo inferior de gado.

Para evitar essas dificuldades, deve o fazendeiro considerar o seguinte:

- 1º. A quantidade de sangue comum e estrangeiro, mais conveniente ao gado comum.
- 2º. Organizar um sistema de cruzamento para manter a relação anteriormente fixada.

A quantidade de sangue, em qualquer mestiço, segue o seguinte gráfico:

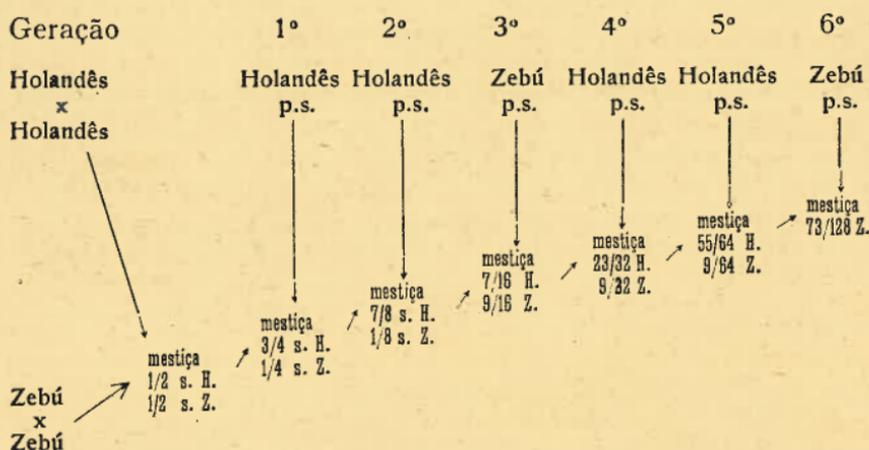
Sistema I



O sistema I chama-se cruzamento contínuo, isto é, sempre acasalando um reprodutor de puro sangue com vacas mestiças — resultado do cruzamento Holandês com Zebú. Assim, depois de quatro «cruzas», chega-se ao mestiço «puro», por cruzamento, isto é, um indivíduo com 15/16 ou 31/32 de sangue do tronco paterno ou materno, que não se distingue mais do puro sangue do mestiço. Com este sistema o criador vai «apurando» o gado, cada vez mais pelos característicos, do pai — puro sangue Holandês. Assim se obterá aptidão leiteira, mas, pouca resistência. Em grande parte de Minas o sistema I não tem apresentado resultados muito satisfatórios, porque no regime extensivo, antes de haver chegado ao «puro», por cruzamento, o gado degenera, não tendo mais a resistência desejável. Então o fazendeiro fica naturalmente desgostoso com a raça adotada e deixa de usar bom reprodutor, ou troca de raça. Daí provêm os fracassos em produção, resistência e tipo.

Para evitar esses males, o fazendeiro deve usar este sistema :

Sistema II



No sistema II, emprega-se o cruzamento «refrescador» ou «retemperador», isto é, antes que os mestiços tenham fraccassado, por falta de resistência ao meio, emprega-se um reprodutor Zebú para refrescar ou retemperar o sangue, isto é, reincorporá-lo novamente no gado.

A geração mais conveniente para se fazerem estes cruzamentos «refrescadores», depende das condições climáticas. Por exemplo, no litoral, que é baixo e muito quente, estes cruzamentos devem ser feitos frequentemente: de 3 em 3 gerações. Porém, nas montanhas ou mais para o sul do Brasil, onde o clima é mais favorável ao gado de alta mestiçagem, o cruzamento retemperador pode, por exemplo, ser feito em cada quatro gerações.

No sistema III, em que segue o mesmo método de cruzamento, como no sistema II, os reprodutores de puro sangue Zebú são substituídos por mestiços de 3/4 s. Zebú, 1/4 s. Holandês, ou também empregando-se reprodutores Holandeses «puro», por cruzamento. Este último sistema deve somente ser empregado pelos criadores que tenham conhecimentos profundos dessa técnica e que visem a formação duma raça ou tipo próprios para o nosso meio.

Para o sucesso nesses cruzamentos, seja qual for o sistema, o criador não deve trocar as raças, escolhendo rigorosamente as vacas e reprodutores quanto ao tipo e, persistindo no sistema adotado.

NOTA: — Neste trabalho usamos como exemplo o gado Holandês, mas aplica-se a qualquer outra raça.